

Importância e necessidade da criação de um manicômio ou estabelecimen- to especial para o tratamento dos ali- enados*

Luiz Vicente De-Simoni

De todas as moléstias a que o homem é sujeito nenhuma há cuja cura dependa mais do local em que é tratada, do que a da loucura. A conveniência, ou idoneidade do estabelecimento em que os loucos são recebidos, é, na maior parte dos casos, para a cura uma condição absoluta e *sine qua non*. A necessidade desta conveniência, ou idoneidade está ligada não só à qualidade da moléstia, como também à dos meios com que esta pode, e tem de ser combatida, e que, sem essa condição, não é possível aplicar com fruto. Sem o isolamento, a tranqüilidade, o silêncio, quando eles são precisos; sem as convenientes separações dos loucos em classes, segundo o gênero, e espécie de alienação mental; sem o trabalho, as distrações, a ventilação, os passeios, os banhos, as emborçações; sem meios próprios de efetuar tudo isso, e conter sem barbaridade

* Publicado originalmente na *Revista Medica Fluminense*, ano V, n. 6, p. 241-62, setembro de 1839. Foi feita apenas a atualização ortográfica do texto, mantendo-se a sintaxe e a pontuação originais. As notas explicativas são de Ana Maria G. R. Oda e de Paulo Dalgalarrodo. Agradecemos o erudito auxílio do Prof. Dr. José Luiz Caon, que localizou a origem das duas citações de poetas latinos feitas pelo Dr. De-Simoni (Virgílio e Persius Flaccus).

os furiosos no seu delírio, sujeitando-os docemente ao tratamento que lhes pode ser útil; sem uma grande atenção e cuidado todos dedicados a esta classe de doentes, é quase impossível obter-se boas curas, e com facilidade. As que se alcançam sem isso são ordinariamente incompletas, e pouco firmes: a maior parte delas devem-se reputar como contingências felizes devidas mais à natureza, ao tempo, à constituição especial do indivíduo que à arte, cujos socorros ficam a maior parte das vezes contrariados, e neutralizados pelas circunstâncias da localidade, e dos arranjos. Grande número de loucuras, que aliás seriam curáveis, deixam assim de o ser, e toda a perda, todo o prejuízo é da humanidade. Em geral quando os estabelecimentos são tais que não permitem a aplicação do tratamento físico, e moral, o da verdadeira medicina psíquica, e que o médico vê-se obrigado a restringir-se a um tratamento puramente físico, e este mesmo imperfeito, a arte pouco tem a esperar dos seus socorros, e pouco a gloriar-se dos resultados felizes que a eles se seguem.

Depois dos trabalhos publicados nestes últimos tempos por Esquirol, Desportes, Pinel, Ferrus, Brière de Boismont,¹ Pasquier, Lowenheim, e outros médicos filósofos, estas verdades não podem ser contestadas: elas estão provadas não só por argumentos, mas por fatos; e as mudanças a que a convicção por elas produzidas têm dado impulso, os sucessos de que estas têm sido coroadas são muito satisfatórios, consoladores, e esperançosos para a filosofia, e a humanidade. Rara é a cidade na França, na Itália, na Inglaterra, e nos Estados Unidos da América onde essa convicção não tenha levado o seu espírito reformador, e de melhora; raro o estabelecimento que mais ou menos não tenha sido utilmente modificado no sentido dos princípios da medicina físico-moral, e em maior harmonia com as luzes, e progressos do século. Em muitos lugares a reforma tem sido uma verdadeira criação, e estabelecimentos novos, especialmente destinados para os doidos, têm sido edificados aonde o que existia não era suscetível de melhoramentos, e a necessidade da reforma, e a excelência dos princípios, que a pregam, foi mais sentida, e mais apreciada. Gênova, Turim, Palermo, e outras cidades acabam de edificar manicômios, cuja construção, dirigida pelos princípios da ciência, os constitui nas circunstâncias de se poderem chamar verdadeiros asilos; e um deles, o de Turim, onde os Drs. Bartolini e Bonacossa obtêm resultados felicíssimos do tratamento físico-moral, têm rece-

1. Sobre Jean-Étienne Esquirol e Philippe Pinel, veja-se o artigo de apresentação. Guillaume Ferrus (1784-1861) e Esquirol são considerados os mais influentes discípulos e continuadores da obra de Pinel; Ferrus escreveu principalmente sobre as reformas dos asilos de alienados, necessárias ao tratamento moral (Ackerknecht, E. H. *Breve historia de la psiquiatria*, p. 34). Alexandre Brière de Boismont (1789-1881) estudou especialmente as alucinações e os alienados criminosos (ibid., p. 35).

bido os louvores de todos os sábios, e na opinião de Brière de Boismont, expressada na sua peregrinação feita na Itália em 1830, não só merece o primeiro lugar, mas pode ser apontado como edifício modelo. Basta ler-se os escritos de M. Esquirol, e do Dr. Pedro Francisco Buffa para ver-se quanto a antiga condição dos doidos era miserável nos estabelecimentos em que eram acolhidos, quanto eles, a medicina, a filosofia, e a humanidade têm ganho a este respeito, e quanto se tem feito, e vai fazendo no mundo civilizado para melhorar a sorte dos infelizes que perderam o intelecto. Um zelo, um movimento benéfico, e ao mesmo tempo ilustrado manifestam por toda parte a associação feliz do coração com o espírito, da caridade, e da religião com o saber, e a experiência em empresa tão útil quão generosa. As coisas, é verdade, ainda estão muito longe da perfeição desejada; mas é inegável que dela estão muito menos distantes do que o estavam no fim do século passado, e que o melhoramento, e o progresso manifestam-se por toda parte.

Este zelo, este movimento ilustrado, estes progressos não devem, nem podem ser por mais tempo estranhos a este país onde as luzes e a civilização vão cada dia ganhando vasto terreno. Já desde o ano de 1830 a Comissão de Salubridade Geral da Sociedade de Medicina, aplaudida por toda essa corporação, clamando em seu relatório contra o modo em que eram tratados os doidos no hospital Santa Casa, fez sentir a necessidade de se melhorar a sorte desses infelizes e de granjear-se-lhes um local mais conveniente em que se pudessem restabelecer de sua enfermidade por um tratamento físico-moral adequado. Já depois desta época algumas comissões da Câmara Municipal encarregadas da visita dos hospitais e prisões falaram também energicamente no mesmo sentido. Esses clamores da ciência, esses sentimentos de humanidade, já quase esquecidos, revivem hoje na boca e no coração de um homem, que, à forte convicção e desejo que o movem, reúne uma atividade, e um gênio empreendedor extraordinários, e ao qual sua posição social e outras circunstâncias favoráveis mais habilitam a levar a efeito grandes medidas.² É a voz do principal autor da remoção do cemitério da Santa Casa para fora da cidade, quem hoje no seio da administração da mesma Santa Casa a que preside, faz reviver esses clamores, essas idéias reformadoras. Essa voz oficial proclama verdades dolorosas, sim, de se ouvirem, mas necessárias de se saberem e cujo encobrimento perpetuaria o dano desses

2. José Clemente Pereira, ministro do Império e provedor da Santa Casa; veja-se o artigo de apresentação.
3. O *Semanário de Saúde Pública* publicou, em seguida ao artigo do Dr. De-Simoni, excertos comentados do citado relatório, referente ao período entre julho de 1838 e junho de 1839 (*Revista Medica Fluminense*, ano V, n. 6, p. 262-71, setembro de 1839). Em todo o país, tais relatórios anuais davam conta às Irmandades e aos governos provinciais das diversas atividades

infelizes, e o perigo de nós todos: ela brada pela necessidade de se melhorar nesta capital a condição dos alienados, e nos denuncia a miséria deles nos cárceres, que no hospital da Santa Casa da Misericórdia lhes são dados para asilo.

A esses brados nós hoje vamos ajuntar os nossos, e ao quadro apenas esboçado pelo Sr. Provedor José Clemente Pereira no seu excelente relatório,³ acrescentar alguns traços para que o horror da desgraça do alienado nessa casa e neste país e o perigo de nós todos se tornem tão vivos e tão salientes quanto o requer a indiferença, e a inação, que infelizmente têm havido entre nós a este respeito. Vamos descobrir o abismo, que está aos pés de cada um de nós, e cuja horrível profundidade quase não tem sido apercebida.

Empreendendo esta tarefa, não é nossa mente lançarmos a censura, a exprobação e a culpa de tudo, sobre a pia instituição da Santa Casa, nem sobre qualquer dos seus administradores, médicos, e outros empregados presentes ou passados. Não nos é possível desejar outra coisa que não seja o crédito e a prosperidade dessa casa, a reputação dos seus administradores, facultativos, e outras pessoas que a servem. A gratidão, e as circunstâncias muito particulares ligam a nossa afeição, e nosso interesse a essa casa, cujo seio é o campo mais vasto da nossa clínica, e o foi também de nossos primeiros ensaios, sendo aí que adquirimos o primeiro crédito profissional com que o povo fluminense nos honra. Todas as atenções, todos os respeitos lhe consagramos, mas ao mesmo tempo não podemos esquecer o que devemos à humanidade. Como o seu ilustre Provedor estamos persuadidos que o verdadeiro interesse dela não pode ser outro que o da mesma humanidade, e que a esta devemos pagar essa dívida ainda que com algum prejuízo do amor próprio de quem errou, mas cujo erro acha desculpa nas circunstâncias e tempos em que ocorreu, e que, em grande parte, fica escurecido e contrabalançado pelo bem a que se acha associado. Não, não nos é possível deixar de dizer francamente a verdade, e esconder males e defeitos, que, sem serem sabidos não podem receber remédio. Julgamos ter chegado à época em que esta verdade deve-se dizer, e pode dizer-se não só sem inconveniente, mas com algum fruto, tanto mais que exprimindo-a nos achamos uníssonos com a voz e as idéias do ilustre chefe atual da mesma casa.

Não falaremos do passado, para não trazer à memória cenas muito aflitivas, cuja recordação é agora inútil depois delas terem cessado. Só diremos que, se a miséria dos alienados não era igual na Santa Casa à dos do hospital da caridade em Lion, que em 1809 ainda habitavam em subterrâneos; a umidade, a privação

filantrópicas desenvolvidas pela instituição, mostravam estatísticas de atendimento nos hospitais e orfanatos, apresentavam balanço de receitas e despesas e, quase sempre, solicitavam aumento das subvenções vindas das Assembléias Provinciais.

ou escassez da luz e do ar em quartos baixos, com janelas pequenas, em um andar térreo, e em um corredor escuro, os constituíam, na superfície do solo, quase na mesma condição. Eles também já tiveram seu melhoramento, e a administração de 1836 se não lhes deu tudo o que eles precisavam, ao menos os brindou largamente com o ar, e com a luz, e com um local mais desabafado e menos úmido, e portanto mais sadio. Se os loucos estivessem em circunstâncias de poderem apreciar a grandeza desse benefício, seu reconhecimento para com essa administração deveria ser eterno. Os filantropos farão pois suas vezes, e louvarão sempre o zelo, e os esforços dos benfeitores que fizeram a prol desses infelizes quanto puderam na posição em que se achavam: honra seja feita à sua boa vontade.

A repartição dos homens consiste em um andar térreo do pequeno braço do hospital, edificado da parte do mar pela administração de 1835 e que já fora principiado pela de 1826. No andar superior há uma enfermaria, que, durante o ano letivo da escola médica, serve para a clínica interna, e no tempo das férias torna a fazer parte da repartição de medicina do hospital. Os alienados ficam assim separados dos doentes do hospital somente por um assoalho de tábuas sem forro; e fácil é ver-se quanto a bulha daqueles deve ser prejudicial a estes, bem como quanto as pisadas dos estudantes, serventes, e outras pessoas que andam por cima devem ser incômodas aos alienados, que ficam embaixo, e perturbar muitas vezes o silêncio tão necessário para eles.

O andar térreo de que falamos tem um pé direito de 22 palmos⁴ e é dividido em duas ordens de quartos por um corredor intermédio, onde eles têm sua entrada, ficando cada lado com 6 quartos, cada um com uma larga janela, que se abre, em uma das ordens, para um jardim interior ao edifício do hospital, e em outra para o grande quintal da casa; lugar que, estando sempre aberto, e servindo de passagem para comunicação com a enfermaria dos tísicos, ultimamente estabelecida em uma casa separada nas abas do morro do Castelo, e ajuntando-se aí bois, bestas e carros para o serviço da casa, põe os alienados em vizinhança de um bulício continuado, e em aberta comunicação com muitas pessoas, expondo-os aos ludíbrios e insultos dos que fazem deles objeto de divertimento. Os alienados ali se acham a este respeito quase na mesma circunstância dos da Torre de Hautcourt na cidade de Caen em 1783, antes que fossem passados para a prisão de Beaulieu, e depois para o convento do Bonsauveur; e para nos servir de uma comparação mais ao alcance de todos os nossos leitores, diremos que essa circunstância muito se assemelha à de alguns dos presos da nossa cadeia pública, e que por este, e por outros títulos, pode muito bem estar ao lado de qualquer estabelecimento do século passado. Quanto

4. Cerca de 4,4 metros (1 palmo equivale a 20 cm).

isso seja contrário a uma fácil e pronta cura, só o deixará de conhecer quem de todo ignorar os preceitos da ciência.

As paredes, que separam os quartos dos outros, e do corredor, a quatro palmos de distância do teto, deixam entre ele e o seu fastígio um intervalo aberto, ocupado por uma balaustrada de ferro, com largos intervalos que só impedem a passagem de um para outros quartos, de maneira que a luz penetra, e o ar circula livremente por cima em toda a extensão do local, e dá aos quartos uma atmosfera geral. Esta vantagem muito apreciável do lado higiênico torna-se um inconveniente considerado do lado moral, e em relação aos alienados, os quais na bulha e palavradas dos furiosos, que assim se ouvem claramente em todos os quartos, acham-se sempre no meio de causas de inquietação, e de perversidade. Cada um dos quartos é assoalhado com tábuas, e só dois, destinados para os mais furiosos, o são com lajes sendo também de lajes as suas paredes até certa altura, a fim de impedir que eles as esbandalhem, como alguns têm feito com as de pedra, e cal. Em cada um dos quartos podem comodamente caber duas camas, uma de cada lado, ficando no meio a janela, a qual está fronteira à porta. Nestes quartos armam-se camas em barras sobre cavaletes, com colchões, ou esteiras, como para os outros doentes do hospital.

O corredor intermédio tem apenas oito palmos de largura, e recebe lateralmente a luz dos quartos pelos intervalos da balaustrada que coroa as suas paredes. É este o único passeio público dos que não se acham em estado de se lhes poder franquear o interior do hospital, e de seu quintal para amenagem. No fim deste corredor há uma porta com cancela de ferro, que introduz em uma sala, a qual tem uma janela, e uma porta com grade de ferro fixa, as quais deitam para o grande quintal da casa, e que põem os doidos encerrados nesta sala em comunicação com outras pessoas, como já notamos a respeito dos quartos do lado do mar. Suas duas dimensões são de 36 e 28 palmos. Ali ficam encerrados os doidos que não cabem nos quartos, e principalmente os dementes, os velhos, os menos furiosos, e os escravos, que todos aí dormem em tarimbas, ou ficam presos a um grande tronco fixo, onde também vão parar por castigo os escravos da casa que cometem faltas.

A todo médico ilustrado, e leitor filantropo causará certamente o maior espanto a presença aqui deste meio de repressão, e castigo. Estranhar-se-á, e com razão, que no século em que vivemos, em um país livre, em uma casa de caridade, e destinada ao alívio do homem doente, e sob as vistas de pessoas da arte médica, os doidos sejam tratados pior que se não trataria ao maior criminoso, e com o mesmo rigor, e aspereza com que um senhor castiga o seu escravo, prendendo-o a um tronco. Contudo, é o que ainda hoje se vê no hospital da Santa Casa. Em 1830 a Comissão de Salubridade da Sociedade de Medicina expressou-se a este respeito, da maneira seguinte:

Uma coisa não podemos passar em silêncio e vem a ser a maneira por que os doidos são ali tratados: custa a crer-se que no Rio de Janeiro se encontre o cúmulo da barbaridade em uma casa destinada ao alívio de *desgraças a que todo homem está sujeito*, e que não tenha havido até o presente um coração benfazejo, que se lembre daqueles miseráveis, que lhes procure *um local conveniente* onde eles possam restabelecer-se por um *tratamento físico e moral* bem dirigido, e não onde eles não se tornem ainda mais loucos; pois qual será o alienado, que recuperando a razão nos seus intervalos lúcidos, não quisera antes viver sempre privado dela, do que considerar-se *ligado a um tronco*, deitado no chão, e cercado de outros, que a cada passo o podem acometer, e maltratar horrivelmente? Estamos persuadidos de que *só tem faltado um coração benfazejo, e com bastante influência para fazer sentir a necessidade de um asilo de alienados nas vizinhanças da cidade*, onde eles gozem de todas as *comodidades que exige o seu estado, e tratamento*; os brasileiros são naturalmente dotados de um coração benfazejo, e não hão de sofrer que na sua capital persista por muito tempo um estabelecimento que nos faz tão pouca honra.⁵

O órgão da Comissão que assim clamava, era o ilustre meu colega o Sr. Dr. Jobim,⁶ atual médico da Santa Casa.

Em novembro de 1837 o Sr. Dr. Antonio Luiz da Silva Peixoto, na sua tese inaugural, sustentada perante a Faculdade de Medicina desta Corte, censurou também muito o uso do tronco na Santa Casa, expressando-se de um modo que parece imputar à nossa vontade a adoção desse meio de repressão,⁷ ainda que diga que *talvez* a isto éramos levados pela lei da necessidade, por isso que o estabelecimento não oferecia proporções algumas para pôr em prática outros mais dóceis e racionais. A incerteza que traz consigo a expressão dubitativa de que o dito senhor se serviu, obriga-nos a declarar que não só nós, mas muitos dos outros facultativos da casa, e alguns dos mesmos administradores dela, mais

5. De-Simoni transcreveu aqui integralmente o trecho do relatório da Comissão de Salubridade da SMRJ que se refere ao tratamento dado aos alienados (*Semanário de Saúde Pública*, n. 15, p. 79, abril de 1831); as passagens em itálico foram destacadas por ele.
6. José Martins da Cruz Jobim (1802-1878), médico brasileiro formado em Paris em 1828, um dos fundadores da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro; foi ainda deputado, senador, professor de Medicina Legal e diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro de 1841 a 1878 (Sacramento Blake, A. V. A. *Dicionário bibliográfico brasileiro*, p. 82-84).
7. O Dr. Peixoto escrevera, ao referir os meios de tratamento usados por De-Simoni, descritos pelo próprio: “A camisola de força, prisões em quarto fechado, a do pé no tronco para os que as duas primeiras não podem conter, algumas vezes a diminuição da comida, são os meios repressivos de que pode fazer uso. (...) Não podemos concordar com o meio de repressão adotado pelo Sr. Dr. De-Simoni em fazer meter os doidos no tronco...” (Peixoto, A. L. S. *Considerações gerais sobre a alienação mental*, p. 40).

humanos e ilustrados, em todos os tempos temos clamado contra o uso desse meio tão condenável; mas apesar dos nossos clamores, e da publicação dos da Comissão da Sociedade de Medicina no *Semanário de Saúde Pública*, apesar da tese do Sr. Silva Peixoto, o uso do tronco tem continuado na Santa Casa nas enfermarias dos alienados. As administrações, compostas de homens de diferentes classes de cidadãos, com diferentes princípios, com especialidade às dos antigos mordomos, nunca poderão desterrar de um modo decisivo e permanente este instrumento de sevícia: os médicos viram muitas vezes com dor, o sucessor de um mordomo humano, e judicioso restaurar no prístino lugar o pouco antes proscrito madeiro, o qual mudo e quedo tem zombado de todos os gritos e de todas as ordens, e apesar de várias vicissitudes, sempre incólume e quase diríamos imortal, tem atravessado cem gerações administrativas, até a nossa época, e gozando há muito de uma tranqüila posse do seu lugar, ali conserva-se firme *cea stet marpesia cautes*.⁸ Se ele não fica nesse lugar para os alienados livres, ali se conserva para os escravos: e estando ali tão pronto e aproveitável para qualquer caso *urgente*; proposta, discutida, e vencida a urgência pelo enfermeiro e seus ajudantes, ficam logo suspensas as garantias, e até o pé do homem livre lá vai parar. É o *sine qua non* dos enfermeiros, que se não sabem arranjar com a camisola de força, e que são muito apaixonados por um meio expedito de se tirarem de embaraço, e dispersarem-se de maiores cuidados. Mil vezes pregará o médico, ou o administrador que assim não deve ser, e mandará soltar o doente: mil vezes eles no dia seguinte acharão este com o pé preso, e com um libelo de culpa formada em que os vesicatórios⁹ arrancados, a camisola feita em trapos, a cama em pedaços, a porta arrombada, ou a parede esburacada, e o doido fugido constituem um corpo de delito que nem um Pegas¹⁰ o desmancharia. O médico olha para o local e vê que apesar do melhor plano, e maior fortaleza com que foi

8. *cea stet marpesia cautes*: citação modificada de parte de verso da Eneida, de Virgílio (verso 471 do livro VI). Os versos originais (469-71) são: *Illa solo fixos oculos avera tenebat / nec magis incepto voltum sermone movetur / quam si dura silex aut stet Marpesia cautes* (Virgil. *The Aeneid*. Book VI. In: Greenough, J. B.; Kittredge, G. L.; Jenkis, T. (ed.). *Virgil and others latin poets*, p. 210). Os versos se referem à atitude impassível da sombra de Dido, diante dos apelos de Enéas. Numa tradução brasileira: “Ela virava a cabeça e tinha os olhos fixados no chão e não se comovia menos com estas palavras se fosse de dura pedra ou um penhasco do Marpésia.” (Virgílio. *Eneida*, p. 181).
9. Os vesicatórios eram substâncias irritantes, cuja aplicação externa causava vesículas ou bolhas na pele; o objetivo era assim expelir os humores maléficos, supostos causadores das doenças (Santos Filho, L. C. *História geral da medicina brasileira*, p. 334).
10. Referência a Manuel Alvarez Pegas (1635-1696), jurisconsulto português; advogado, rábula (Houaiss, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*).

edificado ainda não satisfaz todas as condições exigidas para uma casa de alienados; vê que não há quartos suficientes para cada um deles; que não há nem é possível ali haver regulamento especial; que não há guardas constantes os quais um só momento e principalmente de noite não deixem de vigiar sobre os maníacos, e furiosos; que não há camas nem cadeiras em que os delirantes mais inquietos possam ser contidos com segurança, de maneira que se não firam, não arranquem os vesicatórios, não desatem as sangrias;¹¹ que o tronco, e só o tronco é o meio que ali se sabe empregar; que tirar a idéia disso de certas cabeças é de todo impossível; por muito zelo, humanidade, e bons desejos que tenha, depois de se ter muito cansado inutilmente, ele não está para condenar-se a um trabalho semelhante ao do Sísifo¹² da Odisséia: cala-se, fecha os olhos e vai andando com o tempo e com as coisas, persuadido de que *ista filix nullo masuescit aratro*.¹³ O mesmo Sr. Dr. Jobim, que com tanto ardor, e com palavras tão enérgicas clamou contra o tronco no relatório da Comissão da Sociedade de Medicina, acabou por calar-se e fazer-se tolerante; e o mesmo faria o Sr. Dr. Silva Peixoto, se fosse um dia médico da Santa Casa, depois de muito ter em vão gritado, e conhecido pela experiência a quanto ali chega a alçada, e influência de um médico. Todavia não desesperamos inteiramente de um dia vermos decididamente proscrito e substituído por outros meios mais humanos este

11. As sangrias se faziam abrindo com a lanceta uma veia, em geral perto das dobras dos cotovelos ou nos pés, ou ainda perto do local que se julgava doente, com objetivo de expelir os excessos humorais ou de restaurar fluxos naturais interrompidos; em geral elas eram feitas pelos barbeiros ou cirurgiões-barbeiros (Santos Filho, op. cit., vol. 1, p. 229-30).
 12. Ou seja, um trabalho constante e fadado ao eterno recomeçar.
 13. *ista filix nullo masuescit aratro*: citação, também modificada, de verso das Sátiras de Persius Flaccus (Sátira IV, verso 41). O verso original é: *non tamen ista felix ullo mansuescit aratro*. A tradução francesa dá como: *tu as là une fougère sauvage qui défie tout effort de la charrue* – tu tens aí uma samambaia selvagem que desafia todo esforço do arado (Perse. *Satires*, p. 38). O trecho da Sátira faz um jogo de duplo sentido entre capinar ou arrancar uma vegetação e depilar certas partes do corpo – enfim, parece que aqui a intenção de De-Simoni é reforçar a idéia de algo muito difícil de se extrair do seu lugar de origem.
- * “Não queremos com isto dizer que outros corações benfazejos não tenham até agora aparecido animados dos mesmos sentimentos e desejos. Longa seria a lista dos nomes se quiséssemos mencionar todas as pessoas, que em vários tempos sentiram, e almejaram do mesmo modo. Entre elas citaremos os senhores João Jacques da Silva Lisboa, e Simplício da Silva Nepomuceno. Este último, autor do regimento do hospital, consta-nos escreveu uma memória sobre as reformas exigidas nos três estabelecimentos da Santa Casa; e que algumas das boas medidas hoje realizadas pela administração do ano transacto são de sua lembrança. Contudo, a posição social e outras circunstâncias dessas pessoas cheias de senso, humanidade e ótimos desejos não os constituíam na condição necessária para exercerem toda a influência, que demanda a feliz solução destes negócios” (nota de Luiz Vicente De-Simoni).

instrumento detestável, como já há muito o tem sido o do pau e do vergalho. Pensamos que o *coração benfazejo e com bastante influência*, cuja falta lamentou a Comissão da Sociedade de Medicina em 1830, já felizmente apareceu, e que muito não tardará que os alienados saboreiem os frutos de sua benéfica e reformadora influência.* É esta persuasão, e esta esperança que nos anima a sairmos do silêncio que há muito nos tínhamos votado.

Nas acomodações, que acabamos de descrever, existem às vezes encarcerados mais de quarenta alienados, e fácil é, pelo que temos dito, formar-se uma idéia do que aí há, e deve haver em tão pequeno espaço, com loucos de todos os gêneros de mania, e gente de todas as classes, postos de mistura, e com a comunicação aberta, que notamos, dos gritos, bulha, e motim pelas largas aberturas, que deixam as balaustradas de ferro, e a cancela, sobretudo na sala das tarimbas, onde as altercações, as brigas, os murros, as pancadas, e os ferimentos são freqüentes, a bulha contínua, e insuportável. Esse lugar, e outro semelhante na repartição das mulheres fazem lembrar aquele do inferno de Dante no canto III, do qual o poeta diz:

Diverse lingue, orribili favelle,
Parole di dolore, accenti d'ira
Voci alte, e fioche, e suon di man con elle
Facean un tumulto, il qual s'aggira
Sempre in quell'aria.

Diversas línguas, horrorosas falas,
Palavras de aflição, gritos de raiva,
Vozes altas, e fracas, som de murros
Faziam um tumulto, o qual circula
Sempre naquele ar.

Os quartos em que antigamente viviam os doidos estão hoje ocupados por empregados da casa, e só algum deles quando vazio, recebe às vezes algum alienado; porém todos são muito inferiores aos que os loucos hoje ocupam, e é para desejar que nunca sirvam para indivíduos, que, como estes, têm de ficar neles encerrados dias, e dias inteiros, até serem julgados em circunstâncias de passearem pelo hospital.

Deplorável sobretudo é a sorte das alienadas, repetiremos com o ilustre Provedor da Santa Casa, e acompanhando a alma, e o coração de tão digno chefe, aqui falaremos com as suas mesmas expressões.

Vivem, diz ele, encarceradas em estreitos cubículos, privadas de toda e qualquer vista, que até a do céu lhes é vedada, e do ar necessário para a vida, recebendo apenas uma fraca luz emprestada; assim as desgraçadas vão

caminhando todas daquele lugar de martírio para o cemitério, definhadas, tísicas, ou hidrópicas. Não exagero, senhores, e daqui a poucos momentos, guiados por mim, a visitar o hospital, reconheceréis, que bem pelo contrário omito circunstâncias lúgubres que podiam dar relevo ao horror que inspira o quadro.

Patenteemos algumas dessas circunstâncias omitidas, numa ocasião em que sua exposição podia ser dispensada, mas que atualmente não devem ser preteridas.

Também aqui nos ocuparemos só com o presente, deixando um passado muito mais horroroso, que o da repartição dos homens. O que vamos ver é um melhoramento, um alívio que o zelo da administração de 1837, esforçou-se em preparar a essas infelizes, e pelo qual estas lhe devem ser gratas: dele se poderá inferir qual seria esse passado em que não tocamos.

Consiste esta repartição em quatro pequenas acomodações, que todas juntas não fazem a capacidade da dos homens. Todas são úmidas, por muito próximas do morro e algumas mesmo a ele encostadas. A falta de lugar, e a facilidade do serviço obrigou a edificar nesta condição a primeira, e a mais nova, que consiste em um pequeno edifício coberto de telha vã, porém mais alto, e de melhor construção do que existia, e que se acha repartido em quatro pequenos quartos, um dos quais serve de sala de passagem, e dos quais portanto somente três são disponíveis. Todos eles têm largas frestas abertas, ou pequenas janelas, e todo assoalho de tábuas, e as camas armadas em barras, sobre cavaletes, ou arriadas ao chão, segundo as circunstâncias. Este edifício foi erigido pela administração de 1837. A ele se vai por um corredor, que, de uma das enfermarias de medicina, conduz à cozinha particular das mesmas: fica do lado esquerdo, encostado à grande chaminé da grande cozinha do hospital, que o regala com boas baforadas de fumaça, como às vezes faz às enfermarias contíguas, quando as janelas estão abertas. Do lado direito do dito corredor, um pouco mais adiante, fronteira a uma porta, que dá sobre um corredor descoberto, ou caminho chamado quintal, junto do morro, acha-se a entrada da segunda acomodação, a qual consiste em uma sala comum com 36 palmos de comprimento, e 25 de largura, que antigamente fazia parte da enfermaria de medicina das mulheres, e da qual fica separada por uma parede, que se construiu no lugar onde havia um grande arco. Aí, assim como na sala comum dos homens, acham-se camas de tarimba, e o inseparável Acates¹⁴ destes lugares, o tronco. Aí reina a mesma bulha, a mesma desordem como na dos homens. Desta sala, por uma porta, vai-se à terceira acomodação, que ocupa uma sala antigamente denominada *Azougue*, porque aí se colocavam as doentes sifilíticas, tratadas com o mercúrio, e que ultimamente

14. O fiel Acates (*fidus Achates*) é o companheiro de Enéas, na *Eneida* de Virgílio.

fazia também parte da enfermaria de medicina. Esta sala é de todas as outras a mais úmida, por ser encostada à ladeira do Castelo, e suas paredes sempre se acham manchadas, e ensopadas d'água. Ela é dividida em seis quartos, com um corredor intermédio, por repartimentos de tábuas, que chegam somente à altura de dez palmos, e muito distam do teto. Estes quartos são todos mui pequenos, e mais merecem o nome de camarotes, ou cubículos; eles recebem a luz de duas janelas que dão sobre o largo da Misericórdia, e têm todos os inconvenientes que temos notado nos dos homens; somente as janelas, por serem colocadas muito ao alto, não põem as alienadas em contato com o público. As camas, nesta acomodação, são armadas em barras com colchões, como para os outros doentes do hospital. Em outra parte do hospital, no fim da antiga enfermaria de cirurgia, que hoje é de medicina, em um espaço de 12 a 16 palmos, entre a enfermaria, e o paredão que sustenta o impendente morro, existe a quarta acomodação, composta de cinco quartos, ou camarotes úmidos, e escuros, construídos com tábuas, os quais já se acham tão arruinados, que há um ano se não empregam mais para sepultar em vida as alienadas; com elas comunica-se por um corredor de três palmos de largura. É uma verdadeira espelunca que mete horror. Contudo foi aí, que face a face nos encontramos um dia com o Augusto Fundador do Império,¹⁵ nos últimos tempos do seu reinado, em uma das ocasiões em que visitou esse estabelecimento. Nós lemos sobre o seu rosto a aflição misturada com o espanto, e a nossa emoção não foi menor, ao vermos juntas no mesmo lugar, tanta grandeza com tanta miséria.

Nestas quatro mesquinhas acomodações, cujo interior aperta o coração de quem nelas entra, existem às vezes encerradas mais de quarenta mulheres de todas as condições e entre elas atualmente a mulher de um dos nossos mais grandes diplomatas, sem terem outro desafogo que o de um passeio na área estreita denominada quintal; recreio de que só gozam as menos inquietas, algumas das quais andam também pelas enfermarias fazendo às vezes bastante motim, e servindo de ludíbrio às pessoas que aí estão. Em todas essas quatro acomodações a desordem é sempre muito grande, e mais bulhenta que na repartição dos homens, em razão da maior loquacidade do sexo; e a sala comum a este respeito, e pelo pouco ar, e escassa luz que recebe, é sempre um verdadeiro inferno.

Pela descrição que acima fizemos das duas repartições em que, no hospital da Santa Casa, se tratam os alienados, fica patente não só a insuficiência, como a impropriedade delas para o fim caridoso a que são destinadas, e quão pouco elas estão em harmonia com os preceitos da ciência, as luzes do século, e os sentimentos de verdadeira humanidade. Aí quase nenhum dos meios mais

15. Dom Pedro I, imperador do Brasil de 1822 a 1831.

poderosos, os do tratamento moral, é praticável: muitos do tratamento físico faltam, ou são impossíveis. Repartições adequadas às espécies de mania, banhos, jardins para passeio, regime especial, etc., em vão se desejam: não os há; não os pode haver. A angústia do espaço, a construção do edifício, a qualidade da vizinhança, o inevitável e contínuo barulho, a multiplicidade dos cuidados e afazeres, opõem-se a isso. O resultado é que um grande número de alienações mentais, aliás curáveis, ali ficam sem cura; outras se exasperam terrivelmente passando de monomanias à insânia geral, da apreensão, à ilusão, do delírio brando, à fúria, da loucura, à demência, e desta ao automatismo. Os médicos de mãos atadas por estas circunstâncias, limitam-se a um tratamento muito imperfeito e quase todo físico, o qual cifra-se em combater o primeiro período agudo, ou inflamatório da moléstia, e a hemormese que acompanha os acessos mais fortes, e entregam depois os doentes ao tempo.

Como falamos dos médicos, bom será notarmos que, segundo o sistema e regimento da casa, os dois médicos desta são encarregados alternativamente, cada um por seis meses do ano, da visita das repartições em que se acham os alienados. Assim estes doentes não têm positivamente um médico próprio, que se ocupe especialmente com as suas moléstias, e que a elas dedique toda sua atenção e estudo. Cansado de ter visto um grande número de doentes,¹⁶ ou para melhor dizer um vasto gabinete patológico vivente, o facultativo da casa, que como uma panacéia serve para toda qualidade de moléstia, vai ver os alienados; quando lhes dá a precedência o cuidado no grande número dos outros doentes, que esperam por ele, substitui o estafamento com que vai quando não lhes faz esse favor. Felizmente ele tem aí muito pouco a fazer, porque a natureza, e o tempo fazem mais do que ele, e porque a lanceta, as bichas,¹⁷ o vesicatório, e os remédios da botica não curam a loucura: e ele não tem aí quase outros meios a aplicar.

Digamos também alguma coisa dos enfermeiros dos alienados. Estes são escolhidos entre os que há na casa, tirados ordinariamente das classes menos instruídas. Em um número tão pequeno, e entre indivíduos desta sorte, torna-se difícil achar um, que reúna todas as qualidades, que se requerem em um enfer-

16. Segundo o relatório do provedor, de julho de 1838 a junho de 1839 haviam passado pelo Hospital da Santa Casa da Corte o número de 5.123 doentes, sendo que em junho de 1839 existiam ali 361 pessoas internadas (*Revista Medica Fluminense*, ano V, n. 6, p. 264, setembro de 1839). E, pelas indicações do Dr. De-Simoni, eram sempre mais de 80 os alienados reclusos, cerca de 40 em cada sexo.

17. A lanceta era o instrumento cortante usado para fazer as sangrias; as bichas eram vermes (sanguessugas) especialmente criados para sugar o sangue dos doentes, seguindo as mesmas indicações das sangrias, mas agindo de forma mais “suave” (Santos Filho, op. cit., v. 1. p. 229).

meiro de alienados, o qual deve casar a severidade com a doçura, a coragem com a prudência, e que sempre deve ser discreto e caridoso, devendo além disso ter certa esfera intelectual, e moral, que o torne capaz, não só de bem compreender e cumprir os deveres do seu cargo, mas de entender o médico e o doente, e acompanhar aquele nas suas vistas, indagações e tentativas, e seguir a este em toda a variedade, a extravagância das suas idéias, hábitos, inclinações, a fim de informar e esclarecer o médico, e ajudá-lo na difícil tarefa de penetrar nos esconderijos do coração humano, que, em muitos alienados, e principalmente nos melancólicos, são mais profundos que nas pessoas de mente sã. Um indivíduo desta esfera não acharia no hospital da Santa Casa nem acomodação, nem salário, nem categoria digna de si, e confundido com os mais, sem esperança de melhor porvir, acabaria por envergonhar-se e enojar-se da sua situação, e por largar o cargo. As mudanças de uma para outra enfermaria tão freqüentes no hospital vêm complicar mais a dificuldade de se obter um enfermeiro capaz de se encarregar dos loucos. Esta repartição exigiria não só um homem probo, ativo, zeloso, inteligente, mas também traquejado por longa experiência e familiarizado com os espinhos e os ossos do seu ofício. Isto é incompatível com esse costume de mudanças que há na casa, e com a curta permanência dos enfermeiros, dos quais raro é o que ali pára mais de dois ou três anos. Assim a situação do médico fica muito embaraçada, e o mar em que este navega cheio de sirtes.¹⁸ Pode-se dizer que nem ele, nem as repartições têm enfermeiro próprio, e que tanto o médico, como o enfermeiro são para os loucos sempre temporários e emprestados.

Estas repartições faltam também de um regime e regulamento próprio, que, a dizer a verdade, se o houvesse seria letra morta, por de todo inexequível nas circunstâncias atuais da casa. O regime e regulamento do hospital são comuns a estas como a outras enfermarias.

O princípio regulador de um estabelecimento de alienados não pode ser igual ao princípio regulador de um hospital para enfermos de outras moléstias. Estes dois princípios reunidos, e postos em contato no mesmo estabelecimento, muitas vezes discordarão, e irão de encontro um ao outro; neste choque, difícil será que um deles não sucumba à preponderância do outro; o mesmo equilíbrio será muitas vezes neutralização de forças ativas, cujo resultado será a inércia, de maneira que nem um, nem outro poderá obrar e progredir. Separados, independentes, cada um obrando então livremente sem peias, se desenvolverá em toda a extensão, e com toda a perfectibilidade de que for susceptível. Duas plantas que no mesmo vaso definharão estéreis, separadas, e postas em dois vasos, vegetarão viçosas, e carregadas de frutos.

18. Sirtes: recifes ou bancos de areia; em sentido figurado, situações perigosas (Houaiss, op. cit.).

Por maior que seja o zelo de qualquer administração enquanto a sorte dos alienados depender inteiramente de um pensamento, de uma mão, ocupados com outros objetos, o cuidado, o benefício que houver para com eles será sempre uma fração, e o progresso, o aperfeiçoamento nunca se desenvolverão de um modo rápido, e consideravelmente proveitoso.

A querer-se tratar os doidos como convém que se faça, é preciso não só conservá-los em um local apropriado, mas também que esse local seja separado, e até afastado de outros estabelecimentos, que possam ser prejudiciais aos alienados, ou ao método de seu tratamento. É preciso que esse local tenha uma administração sua, e que ao menos não dependa em tudo da administração de outro estabelecimento. A vizinhança de um hospital geral, além de muito incômoda, é comumente prejudicial para a saúde de homens, que, como os doidos, por longo tempo têm de ficar expostos à influência da sua vizinhança, sem nunca saírem do lugar; e a administração particular desse mesmo hospital é pouco própria para dirigir um estabelecimento de alienados.

Nada, portanto, de se aumentar edifícios e acomodações para loucos no hospital da Santa Casa: esses infelizes ali nunca estarão bem; sua sorte ali nunca melhorará consideravelmente: seu interesse pede outro asilo; um manicômio em local separado, e muito remoto desse hospital; o novo estabelecimento deve ter: uma dotação particular, um patrimônio seu, e uma administração sua, como os têm os estabelecimentos dos Expostos, e dos Órfãos. Haja mais um campo em que o zelo, e a caridade dos pios irmãos da Santa Casa possam assinalar-se com bons, e belos serviços, e merecer dos homens o louvor, e de Deus o prêmio. Estamos persuadidos que os desgraçados, que perderam a razão, acharão neles os mesmos benfeitores, que até aqui têm achado os que perderam seus pais.

A necessidade de um *manicômio*, ou estabelecimento especial, unicamente destinado ao tratamento dos doidos, só pode não ser sentida por quem não reflete sobre o que é a loucura, e sobre a natureza dos meios com que pode e deve ser curada. É para lastimar que este objeto não tenha atraído mais a si a atenção, e os cuidados daqueles a quem cumpre velar sobre as necessidades do povo, e prover a elas; e que ainda medida nenhuma tenha a este respeito sido encetada, nem proposta, deixando-se tudo à caridade e cuidados dos particulares, e das instituições pias. Entretanto este é um objeto de igual, para não dizer maior importância como muitos outros, que tanto tem atraído a atenção, exercido o zelo e cuidados das nossas notabilidades políticas. Parece-nos que com o mesmo ardor com que se pugna para garantir a liberdade do cidadão pelo lado civil e político, dever-se-ia garantir também a liberdade do mesmo do lado físico e moral, e proporcionar a este, meios eficazes para se livrar da coação e desgraça em que o põe uma moléstia mental tirando-lhe não só a liberdade civil e política, ou

a liberdade exterior, mas a moral e interior, aquela contra a qual o poder de nenhum déspota pode prevalecer neste mundo.

O homem escravizado e oprimido pela tirania, ainda fica senhor de si mesmo, dos seus pensamentos, da sua opinião, da sua vontade interior, que ninguém pode dominar. A loucura nem esse senhorio lhe deixa, e privando-o do entendimento e da livre vontade, o reduz a um estado muito inferior ao dos brutos. O indivíduo que tem a desgraça de ficar louco, perde imediatamente quase todos os direitos civis e políticos; as leis lhe tiram toda a faculdade ativa de cidadão; o ilota, o servo da gleba, o escravo conservam mais direitos civis do que ele, porque eles ainda podem dispor do que lhes pertence; o louco nem dos trapos que o cobrem: a sociedade o afasta de si, e do seu consórcio como faz de um criminoso de quem se teme, ou que aborrece; e a título de precaução, e de cura ele vê-se privado da administração de seus bens, da companhia de sua mulher, e de seus filhos, e por fim da liberdade não só do corpo, como do espírito! Ainda aqui não pára a sua desgraça. Isolado de todos, metido entre quatro paredes, no meio de uma bulha infernal, que nunca cessa, se ainda conserva alguns vislumbres de entendimento, ou tem alguns lúcidos intervalos, acha-se entregue aos pensamentos mais cruéis, sobre a sua nova situação; a tristeza, a aflição o atormentam; o pranto, os gritos, a raiva, a desesperação são o seu único desafogo. Bem depressa a sua imaginação mais se exalta: parece-lhe que todo o mundo está conspirado contra ele: em cada pessoa, em cada objeto ele vê um inimigo: ele delira, ele fica furioso; tudo confunde, tudo desconhece, tudo esbandalha: cama, trastes, vestidos, tudo faz em pedaços, e nu, como saiu do ventre materno, lutando em vão por muito tempo aos gritos, às pancadas, aos coices e às cabeçadas contra a porta, e as paredes, cai estafado e todo banhado em suor sobre o duro, e frio chão, tendo por lençol uma tábua, ou uma laje, ou a palha do colchão, que esbandalha no seu delírio, ensopado de suas imundícies, nas quais se revolve até que o sono lhe traga algum descanso, ou que o enfermeiro o venha tirar desse mísero estado, trazendo-lhe outra cama, outros vestidos, dos quais ele logo dá cabo do mesmo modo. Para contê-lo nestes excessos, nos quais se fere e dilacera em várias partes, e para sujeitá-lo à aplicação de socorros, a que ele se recusa, é logo submetido a uma segunda prisão: a camisola de força, e até o tronco, que ainda não tem sido possível desterrar da Santa Casa, vem amarrar-lhe os braços, e prende-lhe as pernas como a um escravo!!! Se este estado não cede, mais ou menos prontamente, aos meios, que a sua situação permite se lhe apliquem, a palidez, a magreza, a debilidade, a tísica, a hidropisia, as convulsões epilépticas, a paralisia, o automatismo, a apoplexia, os bichos, as chagas, e os ratos, tomam conta do seu corpo, e o infeliz expira mirrado, como uma múmia, sem que ninguém o chore, ou tenha dor da sua sorte. Pode haver maior desgraça, quadro mais horroroso, violência e opressão maiores, e mais

temíveis, perda de liberdade mais terrível, e mais fatal?

A mínima violência, a mais pequena prisão, que sofresse qualquer outro indivíduo da parte do poder político, poria em alarma e cuidado todos os cidadãos, e principalmente aqueles, que se prezam de liberais, filantropos, e pais da pátria; todos gritariam: desgraça! horror! E a tribuna soaria de altos, calorosos, e veementes discursos: ferveriam as indicações, os requerimentos, e os projetos para livrar ao oprimido, e para prevenir que outros casos semelhantes ocorressem. Cada um temeria que igual raio lhe caísse em casa, e a tal prisão, a tal desgraça traria a todos num continuado susto, e cuidado. Entretanto o perigo de ficar louco, e de sofrer por isso maior desgraça, violência mais profunda, pior, e mais temível prisão, está mais perto de qualquer indivíduo do que o de ir à cadeia, à casa de correção, às galés, às fortalezas, e a qualquer masmorra. Quem há que esteja livre do perigo de ficar louco, se a mínima contrariedade, qualquer pequeno desgosto, o menor infortúnio; não só público, mas doméstico pode transtornar o intelecto do homem, tornar um indivíduo furioso, e levá-lo ao cárcere de um hospital, pior, e mais temível que todas as masmorras? O maior desenvolvimento intelectual, a maior elevação nas classes sociais, e nos cargos públicos, são, até certo ponto, uma garantia poderosa contra as violências do poder político, e contra a prisão com que este pode oprimir um indivíduo: contra a loucura, e a prisão, que ela pode trazer, essas situações longe de serem uma garantia, são uma condição que mais expõe o indivíduo ao risco de ser vítima. Ninguém está mais exposto a ficar louco do que o homem colocado no mais alto degrau de elevação social, e literária. Um grande monarca visitando um hospital do seu reino, depois de ter visto, e admirado nele as enfermarias, os quartos, e mais acomodações para toda qualidade de moléstia, perguntando-se-lhe se achava faltar nesse estabelecimento alguma coisa, respondeu mui sabiamente: “Um quarto para o monarca, quando suceda ficar doido”. Este dito exprime uma grande sentença, e não precisa de comentários. Homens ricos e poderosos, que, por qualquer maneira, primais, ou dais a lei na sociedade, refleti um pouco sobre a posição em que cada um de vós está neste país, se por desgraça lhe acontecer o que esse príncipe judicioso pensava que poderia suceder a ele como homem que era. E vós que tanto clamáis cotidianamente contra a opressão, a tirania, e a barbaridade; vós que tanto pugnaís pela liberdade política do homem, e tanto temeis a sua perda, e o ferrolho da masmorra, virai-vos um instante para outro lado, para o qual a nossa voz, a da humanidade, e o vosso mesmo interesse vos chama. Vede esses infelizes, que tiveram o infortúnio de perderem o juízo, e que gemem presos em um local, que, longe de lhes servir de asilo salutar e protetor contra seus males, concorre, pela sua insuficiência, e pouco próprias condições, a exasperar esses males, a torná-los incuráveis, a aumentar sua desgraça, e a apressar o termo de seus dias. Olhai para eles; interessai-vos pela sua causa;

ouvi, com a sua e nossa voz, a da humanidade: saí da indiferença e da inação, e levantai-vos, não para clamar somente contra seus opressores, mas para socorrê-los contra eles, e livrá-los da sua desgraça: estendei-lhes a vossa mão caridosa, e tirai-os do cárcere onde gemem. Seus tiranos opressores são a sua enfermidade, a falta dos meios apropriados a vencê-la. Esses tiranos não cedem aos clamores, mas só às obras: a vossa generosidade, a vossa deliberação, o vosso voto são os adversários que os podem vencer, os únicos a que os vereis ceder. Pensai que nenhum homem, que nenhum de vós está livre dessa opressão, dessa desgraça. Vossa elevação social, vossa autoridade, vossa mesma inviolabilidade não vos garantem desse cárcere, dessa camisola, desse tronco, desse mau tratamento, desse fim triste: eles estão tão perto de vós como do ínfimo dos cidadãos: tremei da vossa posição, e da de todos. Enquanto é tempo dai as providências necessárias: fazei que, se por qualquer contingência algum de vós, de vossos filhos, parentes, e amigos, algum de vossos patrícios, de vossos semelhantes tiver a infelicidade de ficar louco, ache um asilo em que possa ser tratado como homem; em que seu mal possa ser pronta e facilmente combatido, ou aliviado: em que sua desgraça seja menos grande. Dai à humanidade, ao Brasil, à capital do Império um estabelecimento próprio para esse fim: criai um manicômio onde o doido lançado fora do seio da sua família, se ache ainda no da dos homens, da dos cristãos, da dos seus patrícios: não espereis que tudo faça a Santa Casa. As forças desta são inferiores aos seus bons desejos; o zelo dos seus administradores não pode progredir sem a vossa cooperação; ajudai-o: auxiliai a Santa Casa com as vossas dádivas, com as vossas deliberações, ou tomaí sobre vossa consciência a grande responsabilidade pelas vítimas que gemem, sofrem, e perecem por falta do que a humanidade, os interesses, e a honra do país imperiosamente reclamam de vossa filantropia, de vossas fortunas e de vossos votos.

Referências

- ACKERKNECHT, E. H. *Breve historia de la psiquiatria*. 2. ed. Buenos Aires: Universitária, 1964.
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- PEIXOTO, A. L. S. *Considerações gerais sobre a alienação mental*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia e Livraria de L. A. Burgain, 1837.
- PERSE. *Satires*. Texte établi et traduit par A. Cartault. Paris: Belles Lettres, 1929.
- SACRAMENTO BLAKE, A. V. A. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899. v. 5.
- SANTOS FILHO, L. C. *História geral da medicina brasileira*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1991. vol. 1.